



M/ ^oAmico
HANO ^oSCHEPPENS
d M ^oABRAZO

JAN 0

TEMAS URBANOS

ÓLEOS E
ALGUMAS AQUARELAS

João Rossi



Este catálogo foi patrocinado pela

Casa José Silva
a maior boutique do Brasil

JOÃO ROSSI nasceu em São Paulo, SP, em 1923. Pintor, gravador, ceramista, muralista e professor. Inclinado inicialmente à poesia e ao jornalismo, dedicou-se a ilustrações e sonetos para jornais e revistas. Começou desde criança a desenhar e pintar, autodidaticamente. Diplomou-se em contabilidade e, como contador, trabalhou numa fábrica de móveis, terminando como entalhador e desenhista de móveis de estilo. Na Associação Cristã de Moços em São Paulo, Montevidéu e Assunção começou a lecionar desenho e pintura. Em Montevidéu, foi incentivado pela obra do construtivista uruguaio Torres Garcia. Em Assunção, entrou em contato com o trabalho da ceramista paraguaia Josefina Pla. Foi um dos artistas que deram início ao movimento moderno no Paraguai.

Casou-se com a ceramista Isabel Olmedo, paraguaia, e voltando para São Paulo, em 1953, lecionou na Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo ao lado de Nelson Nóbrega, Lívio Abramo e Wolfgang Pfeifer.

Em 1954, foi lecionar na Escola de Arte da Fundação Armando Álvares Penteado, a convite de Flavio Motta.

Em 1959, foi nomeado pelo Conselho Técnico Administrativo da Fundação Armando Álvares Penteado diretor da Escola de Arte e em 1962, diretor da Faculdade de Artes Plásticas e Comunicações da mesma entidade.

Em 1969, organizou e dirigiu a Unidade de Desenho e Plástica da Faculdade de Filosofia da Universidade de Mogi das Cruzes.

Desde 1970 é professor da disciplina Iniciação às Técnicas Industriais da Faculdade de Artes Plásticas e Comunicações, da Universidade Mackenzie.

Em 1974, dirigiu os cursos de Especialização em Artes Plásticas e Técnicas Industriais na Universidade de Ribeirão Preto.

Tem quatro trabalhos publicados na "Memória Paulistana" (catálogo editado em 1975 pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, Conselho de Coordenação: Museu da Imagem e do Som), onde retrata o São Paulo da garoa, os luminosos, os bondes, os novos edifícios de concreto, a Avenida 9 de Julho antes da transformação urbana sofrida com a construção dos elevados, motivação dos seus temas urbanos.

Por volta de 1960, começou sua atividade de muralista.

Em 1967, projetou e executou o mural intitulado "Passeata" para a Garage 7 de Setembro, na rua Conde do Pinhal (atrás do Forum), em cerâmica vitrificada.

Em 1968, realizou com Caciporé Torres os murais (alto relevo em terracota) para a fachada do Palácio dos Bandeirantes, intitulados "História e Evolução da Cidade de São Paulo", desenho de João Alvim de Souza e Natanael Longo, premiados em concurso universitário promovido pela Casa Civil do Palácio do Governo.

Publicou vários álbuns de gravuras, dentre eles, em 1975, um álbum-brinde para a CETESB — Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, com gravuras ecológicas em metal policrômicas, cuja técnica executiva é demonstrada através de cinco quadros didáticos, que se encontram nas salas da Companhia, à Avenida Prof. Frederico Hermann Júnior, em São Paulo.

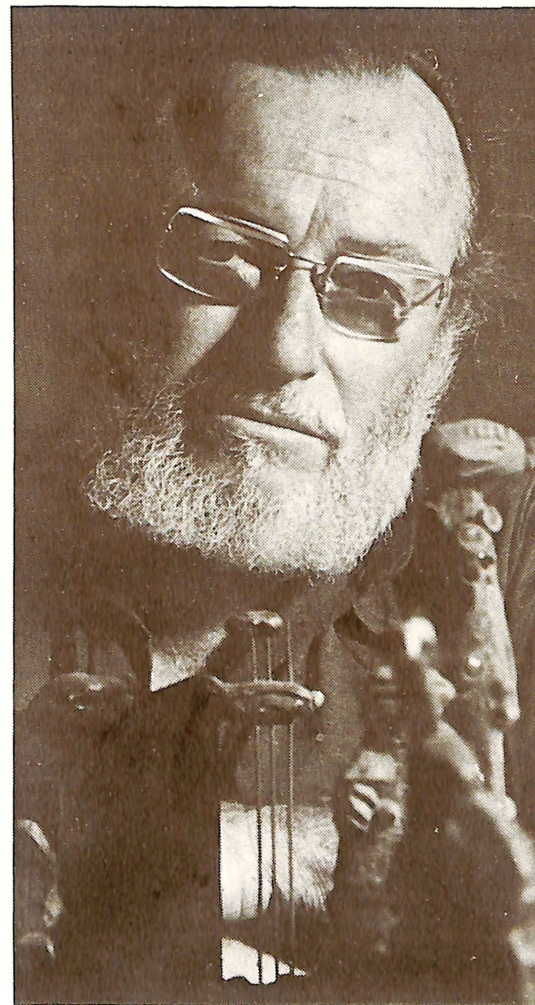
Além da temática urbana, Rossi criou uma figura ameríndia, feminina e maternal.

Com a técnica da cerâmica também executa objetos de uso doméstico.

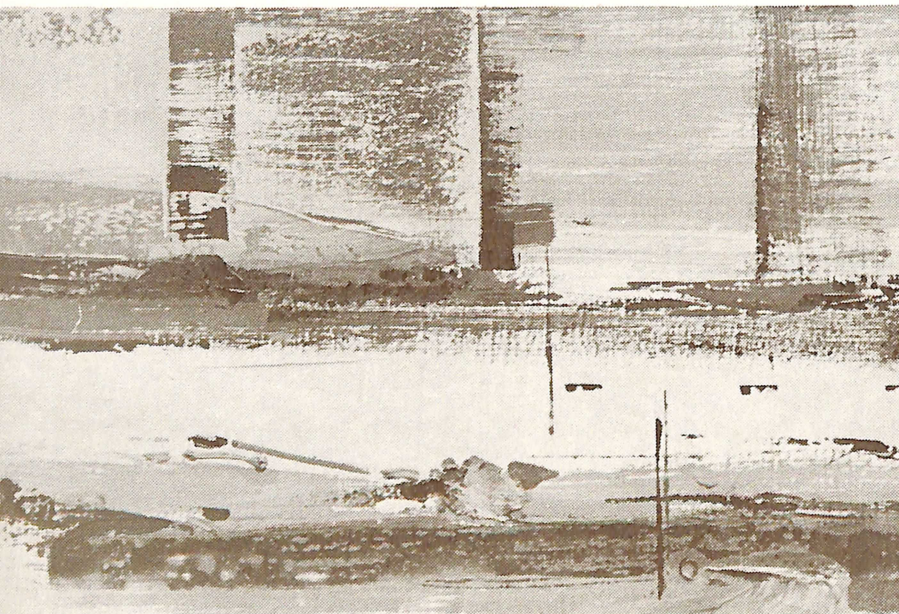
Pesquisando em laboratório com novas matérias-primas, assimilou vidros, pigmentos e minério cerâmico, imprimindo à sua obra a expressão polimatérica.

Na VII Bienal de São Paulo, lançou objetos tridimensionais: caixas de madeira contendo figuras de cerâmica, encerradas com pinturas e colagens em vários planos de vidro.

Paralelamente à sua atividade de professor, trabalha no seu atelier, na Vila Sônia, em São Paulo.



ILDA H. D. CASTELLO BRANCO
FAU/USP - CAEC



Pesquisando variado repertório de matérias primas expressivas, Rossi foi um renovador e precursor de processos visuais, integrando, com acerto e sensibilidade, diferentes sistemas tecnológicos. A obra de Rossi, por essa mesma razão, apresenta variações e riquezas inusitadas. Para se fazer representar adequadamente, em âmbito universitário, em currículos de comunicação, criou uma disciplina composta de complexo de várias técnicas de representação expressiva, usando pela primeira vez a nomenclatura EXPRESSÃO POLIMATÉLICA. Propôs também, em âmbito universitário, a criação de LABORATÓRIO DE EXPRESSÃO POLIMATÉLICA onde o corpo discente poderia operacionalizar, concomitantemente, FORMAS INTEGRADAS DE EXPRESSÃO.

A importância de seu magistério se fez notório nos mais variados ambientes artísticos e culturais, principalmente ao que diz respeito às áreas de psicologia e terapia ocupacional.

— Difícil é, portanto, desvincular a atividade artística de João Rossi do magistério de comunicação visual, pois ambas as atividades fazem parte do seu vivencial diário.

Como artista de conceituação estética personalíssima jamais se deixou influenciar pelos modismos estéticos vigentes.

Sua probidade artística e profissional tem sido alvo de intensos comentários, no Brasil e no exterior.

— Sua gravura tem sido editada internacionalmente, graças ao arrojo dos métodos usados que escapam às normas dos padrões atuais.

1964

João Rossi é uma das personalidades mais dinâmicas do mundo artístico paulistano. Dirige a maior escola de arte de São Paulo, destaca-se como um dos nossos melhores ceramistas, faz pesquisas científicas sobre materiais cerâmicos e pinta. A pintura não é uma atividade secundária de Rossi, constitui mesmo o centro de suas preocupações criadoras, apesar de pouco conhecido do público.

Sua última exposição individual data de seis anos atrás, quando os motivos principais de sua temática urbana começavam a se definir e os seus problemas de construção espacial apenas surgiam.

A evolução artística de Rossi foi bastante singular. Começou pelo desenho humorístico e publicitário. Passou para o paisagismo acadêmico. Sofreu influências impressionistas. Durante sua permanência no Uruguai teve alguns contatos com a escola de Torres Garcia, que lhe propiciaram as primeiras noções construtivas e cubistas. No Paraguai iniciou trabalho em cerâmica. Introduziu em sua pintura elementos cubistas e construtivistas, que se reforçaram na fase seguinte de sua obra, já de volta a São Paulo. Depois de alguns anos de intensa atividade, como ceramista, foi sentindo os efeitos da paisagem urbana da metrópole paulista, com suas luminosidades e fosforescências peculiares, seus ritmos, estáticos e dinâmicos, e sua riqueza de situações espaciais. Sob efeito dessas vivências, Rossi conseguiu assimilar com maior profundidade os ensinamentos do cubismo e do construtivismo. Encontrara sua temática própria e adquirira o mínimo de recursos expressivos necessários à criação de uma pintura pessoal.

Os trabalhos dessa fase foram expostos em 1959 na Associação Cristã de Moços (São Paulo). Muitos deles encontram-se, atualmente, em coleções particulares norte-americanas. Rossi utilizara a técnica antiga da cera-cola, que se tornou, desde então, o seu preferido, em vez do óleo ou do gouache. A cera-cola lhe permite obter a frescura do colorido do gouache e também o empastamento do óleo, quando desejado. Nesses quadros a pintura aparece, por vezes, associada à colagem.

No período posterior, a pintura de Rossi continuou sempre figurativa, mas a representação foi cedendo paulatinamente ante as preocupações construtivas e as pesquisas espaciais. A simples representação passou a ser combinada com métodos de rebatimento da geometria descritiva: planos verticais de fachada rebatidos sobre o plano horizontal do solo, etc. Houve uma tendência crescente para dar maior ênfase às faixas horizontais das ruas e avenidas, com seu ritmo dinâmico, translacional.

Um "que" de metafísico começou a enriquecer e dar nova dimensão à pintura de Rossi.

Rossi sente com intensidade especial certas fosforescências do amanhecer e do anoitecer e outras

luminosidades da metrópole. Para obtê-las em seus quadros, foi levado a introduzir grafite, óxidos e outras substâncias minerais que lhe eram familiares da cerâmica. Continuou a usar os métodos anteriores de colagem de papéis coloridos com maior sutileza. Esses recursos enriqueceram sobretudo a textura de suas telas.

— A necessidade duma tridimensionalidade presente na obra, não apenas sugerida, se fez sentir cada vez mais imperiosamente a Rossi, como de resto a outros tantos pintores. O contato com as obras de FONTANA e JESUS SOTO e outras pesquisas recentes nas últimas Bienais incentivou a passar da tela bidimensional ao objeto pictórico tridimensional, última fase de sua pintura. Esses objetos tridimensionais de vários tipos continuam sendo paisagens urbanas, portanto, pintura figurativa.

— Rossi deseja conservar qualidades tradicionais da pintura nos seus objetos, procurando ampliar os horizontes da arte pictórica sem destruir a sua essência.

Na construção dos seus objetos pictóricos tridimensionais Rossi tem empregado vários processos. Recorta parte da tela para obtenção de outro plano atrás do recorte. Estende sobre as faixas das ruas e avenidas barbantes paralelos, presos na moldura, representando cabos elétricos e telefônicos. Recobre o plano do quadro com um ou mais vidros superpostos com recortes do plano básico, etc.

A existência de vários planos materiais nos objetos pictóricos tridimensionais de Rossi faz com que a imagem percebida se altere radicalmente com o movimento do observador em relação ao objeto, dando ao espectador participação mais ativa na contemplação da obra. Os objetos pictóricos de Rossi satisfazem, portanto, ao requisito da colaboração ativa do espectador, tão característico das atuais pesquisas de vanguarda. Alguns deles também gozam de independência em relação às paredes, podendo ser deslocados livremente.

Rossi deu uma contribuição valiosa à pintura brasileira com a introdução de sua temática da paisagem paulistana. Seu mérito adquiriu maior significação pela audácia e felicidade dos meios empregados no tratamento dessa temática, tão difícil quanto sedutora. As pesquisas de João Rossi mostram de modo convincente que a metrópole contemporânea exige uma extensão dos limites tradicionais da pintura.

1974

João Rossi foi em toda a sua longa carreira artística um pintor da cidade de São Paulo. A sua obra de paisagista urbano só pode ser comparada com as de Aldo Bonadei e Manuel Martins, na Escola Paulista. Distingui-se dos outros grandes paisagistas paulistanos pela captação de aspectos da São Paulo megalópolis, enquanto Bonadei pintou sobretudo a velha Bela Vista e Manuel Martins certos aspectos de maior calor humano.

Rossi soube apreender a beleza dura dos prédios e das ruas, a sombra dos arranha-céus e o resplendor das grandes vias de comunicação, descobrindo a sua luz especial e a sua melancolia contemporânea. Com o seu talento de pesquisador pôde sempre encontrar a técnica adequada. Em certas fases adaptou de modo surpreendente antigas técnicas pouco conhecidas da pintura da Renascença, noutras criou técnicas pessoais avançadas, como nas suas paisagens em planos múltiplos.

Foi um precursor das atuais correntes realistas, incompreendido mas persistente, na sua consciência de artista que abria novos caminhos para a visão da cidade. Com o atual ressurgimento do realismo, a importância de Rossi como paisagista poderá ser devidamente apreciada, como já o foram os seus grandes painéis de cerâmica.

Nos últimos anos Rossi abriu novos horizontes para a sua arte da paisagem pela gravura, numa obra pouco conhecida entre nós, mas já com repercussão internacional.

Na sua atual série de gravuras Rossi reafirma a sua capacidade de criar uma linguagem pessoal para a comunicação da sua mensagem artística, combinando arrojadamente várias técnicas. Atingiu um nível mais elevado de expressão, numa riqueza cromática e textural que lhe permitiu uma vibração lírica nova e fortemente comunicativa.

1977

A paisagem urbana de São Paulo foi sempre o grande tema de João Rossi, um dos artistas mais significativos da geração seguinte à dos artistas do Santa Helena. Só agora começamos a compreender a importância de sua obra de gravador e de pintor, na sua sedimentação incessante para a comunicação das suas vivências tão sutis e líricas. Rossi soube compreender que a essência da paisagem paulistana residia em certas tonalidades atmosféricas, que conferem aquela textura cromática especial às coisas de São Paulo. Essa sensibilidade aguda para a luminosidade de São Paulo já fora a essência das melhores paisagens paulistanas de Rebole e Bonadei, ressurgindo agora, novamente, na obra de Gregório Gruber.

Rossi expõe agora várias séries de suas surpreendentes gravuras coloridas em relevo, algumas inéditas, juntamente com as suas novas aquarelas grandes. A técnica de gravura em relevo desenvolvida por Rossi representa uma contribuição admirável sob vários aspectos, sobretudo pela riqueza de texturas pictóricas, que permite obter uma espécie de produção de múltiplos no domínio da pintura de textura. Essas gravuras representam também um aprofundamento da arte paisagística de Rossi, sobretudo no relacionamento das texturas com a luminosidade atmosférica.

As grandes aquarelas atuais revelam novas dimensões da pintura de Rossi. Como tão bem disse Johannes Itten na introdução da sua obra clássica *The Art of Color*. "Contudo os mais profundos e autênticos segredos dos efeitos de cor são, eu sei, até invisíveis para o olho, e só percebidos pelo coração. O essencial escapa à formulação conceitual". Nessas aquarelas, a pintura de Rossi se dirige mais ao "coração", no sentido de Itten, do que aos olhos, utilizando com muita felicidade aqueles "mais profundos e autênticos segredos dos efeitos da cor" para criar uma linguagem pictórica de um profundo lirismo nostálgico, inspirado pela efemeridade da paisagem urbana de São Paulo, a cidade sem memória, banhada na sua luz mágica.

1981

Rossi é certamente um pintor urbano de São Paulo e arredores, indiscutivelmente um dos maiores que tivemos. A sua captação da cidade foi sempre profundamente pessoal, e original. A sua arte da paisagem não se baseia apenas sobre uma captação visual intuitiva, mas envolve também uma notável reflexão social e histórica. Rossi nos dá uma documentação artística da transformação do panorama humano e social do ambiente urbano de São Paulo, durante as últimas décadas, em que um desenvolvimento capitalista de Terceiro Mundo destruiu a paisagem da Capital do Café, ainda fortemente vinculada ao Colonial, transformando-a num dos centros principais do tipo de desenvolvimento profundamente distorcido imposto pelas multinacionais.

Na fase atual da pintura de Rossi, vemos a desambientação dos homens do campo, precária e desumanamente arrebanhados entre os arranha-céus de São Paulo, na destruição implacável da velha cidade que, apesar de tudo, possuía uma atmosfera mais humana. Seria, contudo, errôneo supor que as multidões caminhando pelas ruas esmagadas pelos arranha-céus seriam simplesmente vítimas de um destino impiedoso. Rossi sabe fazer sentir que essas multidões possuem uma energia imensa, o que abre caminho para um FUTURO, diferente da triste condição atual.

Para poder exprimir a sua captação da megalópolis paulistana, Rossi sentiu a necessidade da pintura a óleo com a sua dramaticidade intrínseca, associada à sua marcada temporalidade. Na sua abertura de uma nova linguagem cromática, Rossi dá uma contribuição importante para nossa pintura, abrindo novos horizontes de expressão pelo cromatismo. Na sua fase atual, a pintura de Rossi representa uma contribuição das mais significativas para um nascente neo-expressionismo brasileiro.

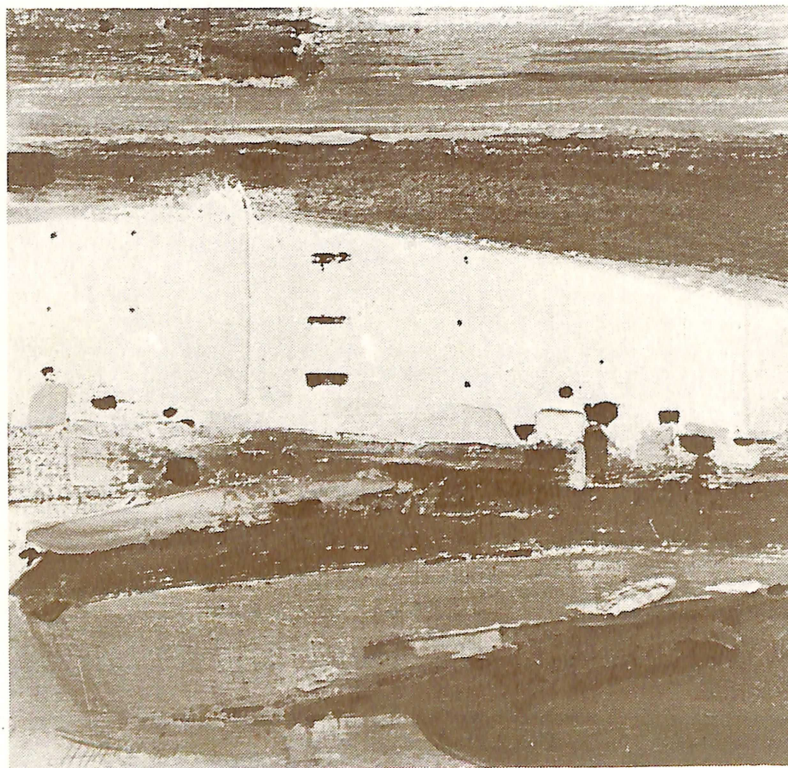
1982

A paisagem sempre atraiu os pintores paulistanos. Cada geração artística nos deu outro tipo de paisagem paulistana, tanto pelas transformações rápidas da própria paisagem paulistana, como pela visão de cada geração, que se modificou tão velozmente com o aspecto da Megalópolis paulistana. Naturalmente, dentro da mesma geração de artistas o sentimento das paisagens pintadas variava profundamente com a visão individual de cada artista, influenciada também por filosofias estéticas e ideológicas políticas e sociais, assim como por fatores mais pessoais de temperamento, ou por circunstâncias biográficas.

João Rossi foi sempre muito inclinado pela pesquisa artística, sobretudo, quanto às técnicas e aos materiais, assim como sensibilizado pelos problemas humanos e sociais. A sua personalidade artística também foi indubitavelmente marcada pela sua atividade didática permanente, em Arte, e pelas suas vivências de muitas técnicas artísticas, desde a pintura e a gravura até aos painéis de cerâmica. Até agora são bem poucos os que puderam ter uma idéia adequada da amplitude da obra criativa de Rossi, uma das mais ricas, humanas e complexas da arte paulistana.

As paisagens da atual exposição na Documenta fazem parte da sua fase mais recente, toda ela voltada para o tema das massas humanas rurais deslocadas no ambiente da Megalópolis e do seu tipo cultural capitalista industrial massificado. Essas telas tão sensíveis expõem todo o drama das duas cidades imbricadas e dissonantes na sua decalagem de séculos.

MARIO SCHENBERG



São tão leves as pinceladas da pintura de João Rossi que podemos entendê-las como asas de pássaros. E são tão matricamente presentes essas pinceladas, fortes, humanas, frutos maduros, que nós entendemos o fascínio ancestral da pintura sobre o homem. É uma pintura construída com movimentos largos, amplos, generosos. Uma expansão contida, um gesto de medida: consciência e impulso. É estranho que um homem elaborado e meditado como João Rossi se expresse pictoricamente de maneira tão gestual!

As crenças e preconceitos sobre a arte e a criatividade são constantes e inúmeras, da mesma maneira que o conjunto de crenças e preconceitos sobre quase tudo na nossa sociedade, feita mais de consumo e presença do que de sabedoria. As vezes imagina-se que a espontaneidade artística pertença aos ignorantes. A espontaneidade seria o resultado natural do estado de desconhecimentos e primarismo. Na arte, ao contrário, a espontaneidade é resultante do mais longo aprendizado e sacrifício pessoal. O homem social é, antes de qualquer coisa, um conjunto de conceitos e certezas apriorísticos. O artista e o pensador começam a sua tarefa ao questionar esta estrutura cultural. O trabalho do artista começa em si mesmo, na tentativa de despir-se de véus, de idéias apriorísticas, na esperança de, finalmente, começar a ver. O artista nunca será uma criança, mas ele procurará aproximar-se da capacidade de ver o mundo pela primeira vez, de estranhar e maravilhar-se. É isto o que ele revelará e esta é a sua tarefa. Não foi a isso que Paul Klee se referia quando dizia que a arte torna visível? A espontaneidade é o resultado de um longo aprendizado. Aprender o que? A fluir, a permear-se de civilização, cultura e amor. E a permear-se de si mesmo, a ser um fiel conduto de si mesmo. Fluir. Recuperar a infância e continuar adulto. Portanto, ser o próprio ser. O que é igual ao gesto, o movimento do ser.

Formalmente, no seu proceder, a pintura de João Rossi é a confluência da experiência construtiva e da gestual. Uma síntese do desejo de organizar o mundo e significá-lo emocionalmente. Construção e expressionismo. O artista aceita a possibilidade da compreensão metafísica e, ao mesmo tempo, une a esta compreensão o dado da personalidade. Certamente estes compromissos formais de sua pintura estão de tal maneira incorporados ao seu proceder que a sua presença é sutil e delicada. Como uma trama existente sobre a qual desenha-se uma história e que serve de fundo e, por outro lado, por ser uma trama, conduz a linha e o desenho, oferecendo o seu labirinto infinito, mas onde existem uma certa regra e um método. É esta trama prévia, e conhecimento destes métodos e regras, a história que todo artista incorpora ao seu proceder. A história da arte, vale dizer, a história da cultura, ou seja, a história dos homens, é a história que cada artista faz reviver no seu fazer. Desta maneira, as linhas que informam mais seguidamente esta pintura são de origem construtivista e expressionista, ainda que, como em todo o trabalho profundo, encontra-se nele, outras memórias formais, alguma coisa de fauve, sumprematismo e lembranças várias.

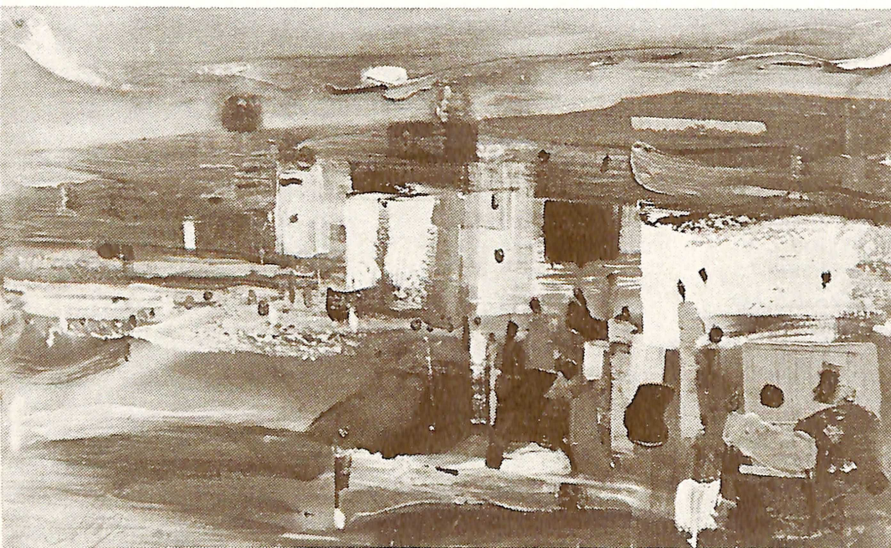
Se esta é a formalidade da pintura de João Rossi é, também, o próprio conteúdo de sua pintura, já que na arte não existe a dicotomia entre forma e conteúdo. Mas, para efeito de melhor didatismo podemos dizer que este proceder formal foi adotado tendo em vista a compreensão do artista de seu motivo visual, a cidade moderna. Entenda-se, é claro, que a compreensão da cidade moderna só foi possível devido ao proceder segundo certas linhas. Compreensão do motivo visual e o fazer artístico são interpenetrantes e concomitantes, construindo-se simultaneamente a medida que percorre a sua trama, reflete sobre a realidade e acrescenta elementos ao seu conhecimento de si mesmo. Um sistema complexo e único, a dialética do entendimento e da criação artística.

O assunto urbano, a temática urbana da cidade de São Paulo, o cosmopolitismo de São Paulo, acentuado a partir de 1958 na sua obra torna-se substancial e pessoal, na medida em que o artista vai fixando as luzes da cidade, uma iluminação única, um lugar de gente e trabalho, um centro de vivência, um lugar de passagem, estar e

convivência. Uma cidade de fascínio e iluminações, de obscuridades e reflexões, uma cidade de informações e realizações, destruições e nascimentos. A paisagem paulista como só pode ser entendida e registrada por um artista que opera e transforma, a sua maneira, o viver deste centro. Tanto as figuras humanas, quanto as puras e luminosas paisagens urbanas, fazem a reflexão e o registro de uma dinâmica nova, encarada e entendida sem ufanismo ou depressão. A cidade cosmopolita, moderna e única, a criação do século vinte.

João Rossi, inventor de técnicas, pesquisador de materiais, professor e formador, experimentador, elabora a sua pintura com imensa simplicidade e despojamento de sua aparência erudita. Ao longo de sua vida artística, também as experiências com o suporte, a tridimensionalidade, as variadas técnicas, tiveram um sabor de simplicidade. Valem como uma aventura sensível no universo das formas. Rossi não pretende que a aparência supere a essência da experiência que é a aventura de conhecer. Desta maneira, Rossi, como inúmeros outros artistas de nossa época, recusa transformar o seu trabalho em uma espécie de ornamento de intenções, decoratividade e mascaramento da realidade da arte. O que equivale, nesta época, a um discurso contra a barbárie e a anti-cultura, curiosamente apresentadas como vanguarda cultural que se deseja institucionalizar. Estas pinturas podem nos acrescentar em conhecimento e nos proporcionar o prazer que a reflexão e o fazer artístico possuíam pois, historicamente, é esta aventura do homem a única que nos faz perceber melhor o homem e o seu destino e a nossa colocação neste universo mutável e enevoado onde vivemos, um universo de transformação e pleno de iluminações.

JACOB KLINTOWITZ
(1982)



O homem sempre esteve presente, de uma forma ou de outra, na obra de João Rossi. O homem e seu meio. O meio e seu homem. A circunstância do meio e a circunstância do homem têm sido um tema constante na obra que ele vem desenvolvendo nas últimas três décadas.

Inicialmente, o homem aparecia isolado ou em pequenos grupos, fixado segundo uma visualidade que o achatava, que o deformava no sentido horizontal. Tipos latino-americanos povoaram uma longa série denominada **ameríndia**, marcados por uma realidade social extremamente desfavorável. Nos espaços que os cercavam, Rossi acrescentava elementos descritivos do ambiente físico e psicossocial em que vivem, particularmente suas pequenas e pobres habitações.

Com o tempo, João Rossi transformou-se num pintor da realidade urbana e suburbana de São Paulo. Paisagens sombrias, contidas, foram o ponto de partida de um longo caminho que o levaria ao domínio rigoroso de um geometrismo que privilegiava a construção urbana e seus esquemas formais.

Fazendo a síntese dos dois polos temáticos — o homem e a cidade — Rossi vem realizando, nos últimos anos, uma magnífica abordagem deste repertório, em técnicas mistas (com predominância do óleo) e aquarelas que denotam um conhecimento técnico exemplar, acumulado em muitos anos de pesquisa e reflexão, e uma aguda sensibilidade.

À proporção que, em sua obra atual, a cidade cresce, convertendo-se num bloco cada vez mais vertical, a figura humana, anteriormente solitária ou em pequenos grupos, aparece agora em conjuntos mais numerosos. Eles sugerem que a única forma de sobrevivência do homem nas grandes metrópoles — que a falta de planejamento urbano racional e a especulação imobiliária permitiram surgir — é a união e a solidariedade. As casas, que tinham uma função acessória da figura humana, transformaram-se em enormes edifícios, que ocupam grandes espaços em sua obra. Os homens não mais são deformados transversalmente, mas no sentido vertical. São feitos à imagem e semelhança das cidades que eles mesmos construíram e das quais tornaram-se cúmplices e vítimas. Nem são mais descritos em minúcias como antigamente. Perderam a identidade. São apenas gente da cidade. Às vezes representados por apenas duas ou três intervenções da espátula.

Este é, aliás, um dos aspectos mais importantes da obra atual de João Rossi, do ponto de vista formal. Sua pintura tornou-se visceralmente gestual e sintética.

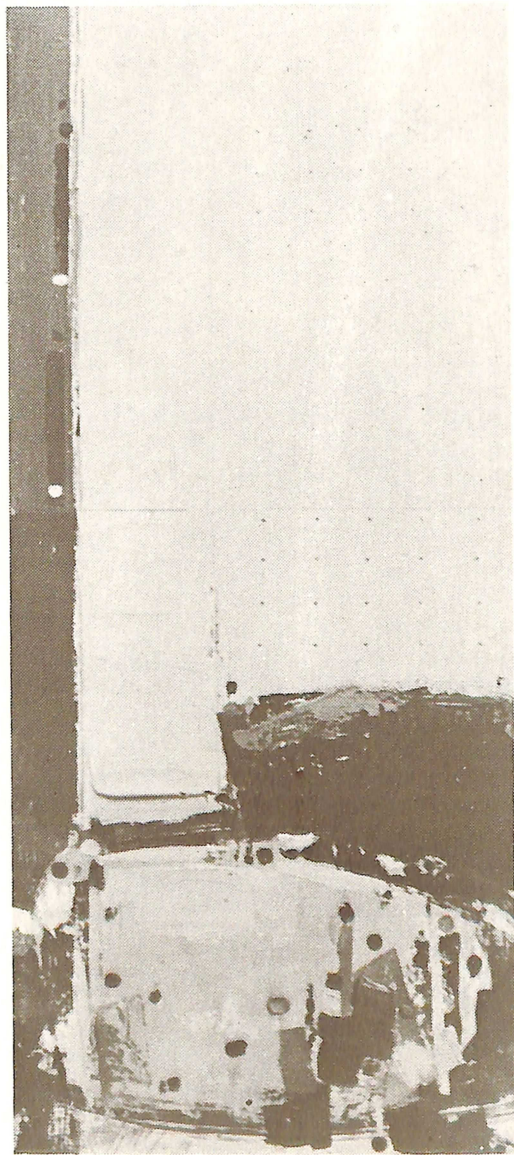
O fulcro da obra do artista é, evidentemente, a cidade de São Paulo. Mas, na verdade, São Paulo é apenas paradigma, um ponto de referência, pois a derrubada de residências horizontais para dar lugar a habitações verticais é uma característica de quase todas as cidades em “desenvolvimento”, no Brasil e em todo o mundo. Por isso, a perplexidade de uma parcela sensível da população diante destas transformações é um sentimento generalizado. Mais uma vez, um artista consciente atinge o universal através do regional.

As transformações da sociedade, no contexto das quais a habitação é um dado importante, muitas vezes atuam como fonte de frustrações, que podem levar à angústia, à passividade ou à violência, dependendo da sensibilidade individual. No que concerne à habitação, estudiosos procuram sistematizar conhecimentos para a consolida-

ção de uma nova disciplina — a Epidemiologia das Habitações — cujo objeto é a pesquisa de soluções para os problemas de comportamento dos moradores em grandes núcleos habitacionais. Estes problemas são mais evidentes nos não habituados aos grandes conglomerados urbanos. As reações de alguns grupos transplantados de favelas para habitações verticais foram de completa inadaptabilidade e rejeição. Achado desalentador, considerando-se que o homem é o mais adaptável dos animais. Mas isto é assunto para o raciocínio científico dos epidemiologistas. O artista chega a este conhecimento mediante a intuição.

Neste contexto, o espaço é um dado fundamental. O homem tem necessidade vital de espaço adequado para viver. Ganha espaço quando nasce e o perde quando morre. O espaço tem muito a ver com liberdade, condição indispensável para a plena fruição da vida. Espaço físico e espaço mental. Na obra de João Rossi, o dimensionamento e a organização do espaço são elementos básicos para a criação de estados estéticos puros. Ele transforma problemas em poemas visuais.

ENOCK SACRAMENTO
Membro da APCA
(1982)



Rossi e a Cidade

Enquanto a cidade o concebia, João Rossi a reunia. Sempre aos pedaços, em estruturas abertas, prontas à complementação, preenche de novas estruturas.

A visão urbana que Rossi desenvolveu em suas telas, gravuras, terracotadas e desenhos tem o sentido da vida e a perspectiva geral de uma solução ecológica.

Imprimir a cidade nos seus próprios materiais, expor a cidade a si mesma, afixada em murais, agredida nas escavações das chapas de metal, na força da prensa que a induz ao papel.

Essa é a tarefa de reunião proposta por Rossi.

A tarefa de multiplicação que Rossi desenvolve está nas suas gravuras e nos seus alunos. Um pouco da criação do mestre recriando-se nas mentes urbanas dos cidadãos em processo de moldagem, em época de esboço.

Recolher o barro dos tijolos da cidade, amassá-lo, sujando as mãos; amansá-lo (à moda dos domadores de cimento e ferro que constroem a cidade); depois curá-lo, a fogo e forma, na decisão definitiva de obra de arte.

Esse é o processo genético que a cidade transferiu para Rossi enquanto o concebia entre suas ruas e seus cidadãos.

A intenção desse artista, armado da poli-matéria e da ingenuidade do traço, é devolver o cidadão à sua cidade, desarmá-lo das iniquidades e das fugas urbanas, fixá-lo no seu caldo genético — gerador e gerado. O passado de João Rossi e a história do seu presente, significam a História da cidade que o concebeu: a imobilidade gravosa dos Bandeirantes no barro; a desfaçatez dos prédios que não conseguem impugnar os planos distantes do planalto; a amplidão dos cristais pintados no futuro, janela dos reflexos dos “ray ban”.

Enquanto a cidade concebe João Rossi, ele a reúne na sua transformação urbana.

ANTHONY DE CHRISTO
(1975)

TEMAS URBANOS

ÓLEOS E
ALGUMAS AQUARELAS

João Rossi

9 A 25 DE MARÇO 1982

GALERIA DOCUMENTA

Vernissage 21 horas Diariamente das 9 às 20 horas

Rua Padre João Manuel, 811 — São Paulo Tel.: 853-3766